
Indícios de formação literária: um olhar profícuo a versos alheios de Rosália Sandoval (1930)*

Indicaciones de entrenamiento literario: una mirada proficosa a los versos extranjeros de Rosália Sandoval (1930)

Indications of literary formation: a proficuouslooatalien verses of Rosália Sandoval (1930)

HEBELYANNE PIMENTEL DA SILVA**

MARIA DAS GRAÇAS DE LOIOLA MADEIRA***

* A primeira versão desse texto foi publicada em anais do X Congresso Brasileiro de História da Educação (XCBHE), realizado em setembro de 2019. A nova publicação consiste em uma versão ajustada. Busca-se maior divulgação em meio acadêmico.

** Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

*** Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestra e doutora em educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Possui estágio pós-doutoral pela Università Degli Studi de Ferenze.

Resumo

Esta produção consiste em uma análise ao intercâmbio literário entre professoras argentinas, chilenas e uruguaias, promovido pela professora alagoana Rosália Sandoval (1876-1956), com a publicação de Versos Alheios em 1930. Busca-se realçar os entrelaçamentos possibilitados pela interação entre magistério e literatura, na vida professoral e na existência de mulheres, que, por longa data, carregaram memória social de rebaixamento intelectual. Mantivemos o livro supracitado como principal fonte, crendo que este, enquanto literário, preservaramemórias contundentes da época na qual questionava-se a razão de ser da literatura, e também do magistério. Os textos dizem das escritoras e do tempo, preservando conhecimentos que sobreviviam por diferenciadas realidades culturais. Revelam à existência e à essência humana. Em predisposição lírica, as produções formavam. Metodologicamente, a pesquisa apresenta caráter documental, e ancora-se nos princípios da Nova Historiografia, sobretudo na micro-história italiana. Ressaltamos a função formadora da literatura na vida de mulheres das diferentes pátrias, no tempo de publicação, e desvelamos a formação das professoras que diziam de si e de outros, em versos. À História da Educação, soma ao debate sobre a condição de mulheres professoras, atuantes na América Latina, durante a primeira metade do século XX, tomando notável o vínculo entre os dois ofícios estigmatizantes.

Palavras-chave: Magistério e Literatura. Rosália Sandoval. Versos Alheios.

Abstract

This production consists in na analysis of the literary exchange between Argentine, Chilean and Uruguayan teachers, promoted by the Brazilian teacher from Alagoas Rosália Sandoval (1876-1956), with the publication of Versos Alheios in 1930. It sees to high light the inter twining made possible by the interaction between teaching and literature, in the professorial life and in the existence of women, who, for a long time, carried social memory of intellectual demotion. We kept the aforementioned book as the main source, believing that it, while literary, preserved strong memories of the time when the reason for being of literature, and also of teaching, was questioned. The texts say about the writers and the time, preserving knowledge that survived by different cultural realities. They reveal human existence and

essence. In lyrical predisposition, productions formed. Methodologically, the research has a documentary character, and it is anchored in the principles of New Historiography, specially in the Italian microhistory. We emphasize the formative function of literature in women's lives from different countries, at the time of publication, and unveiled the training of teachers who said of themselves and others, in verse. To the History of Education, it adds to the debate about the condition of female teachers, active in Latin America, during the first half of the 20th century, marking the link between the two stigmatizing jobs remarkable.

Key-words: *Magisterium and Literature. Rosália Sandoval. Unrelated Verses.*

Resumen

Esta producción consiste en un análisis del intercambio literario entre maestras argentinas, chilenas y uruguayas, impulsado por la maestra alagoana Rosália Sandoval (1876-1956), con la publicación de Versos Alheios en 1930. Se busca resaltar el entrelazamiento que posibilita la interacción entre la enseñanza y la literatura, en la vida docente y en la existencia de las mujeres, que durante mucho tiempo llavaron la memoria social de la degradación intelectual. Mantuvimos el citado libro como fuente principal, creyendo que, si bien literario, conservaba fuertes recuerdos de la época en que se cuestionaba la razón de ser de la literatura y también de la docencia. Los textos hablan de los escritores y de la época, conservando conocimientos que sobrevivieron a diferentes realidades culturales. Revelan la existencia y la esencia humana. En predisposición lírica, se formaron producciones. Metodológicamente, la investigación tiene un carácter documental y está anclada en los principios de la Nueva Historiografía, especialmente en la microhistoria italiana. Destacamos la función formativa de la literatura en la vida de mujeres de diferentes países, al momento de su publicación, y develamos la formación de maestros que decían de sí mismos y de los demás, en verso. A la Historia de la Educación, se la Educación, se suma al debate sobre la condición de las maestras, activas en América Latina, durante la primera mitad del siglo XX, haciendo notable el vínculo entre los dos trabajos estigmatizantes.

Palabras clave: *Magisterio y Literatura. Rosália Sandoval. Otros Versos.*

Introdução

A literatura lírica, como indiciária da condição de existência, apresentara função formadora.

Ora libertando, outrora aprisionando os que a ela recorreram.

Uma prisão indireta.

Prisão dos (des)aprimonados, deserdados, desvalidos.

Os textos literários formaram hereges dos nossos e de outros tempos.

Acalentaram almas conturbadas.

Levaram a tudo e a nada.

(Hebelyanne Pimentel da Silva)

O jornal carioca *Diário de Notícias*, de 17 de outubro de 1930, recebia com entusiasmo a publicação de *Versos Alheios* da mestra de primeiras letras e escritora alagoana Rosália Sandoval (1876-1956), pseudônimo literário de Rita de Souza Abreu. A obra trazia uma coletânea de poesias de três países: Argentina, Chile e Uruguai. Conforme nota, Sandoval pretendia “aproximar pelo pensamento o coração dos povos vizinhos”, e apresentar os novos intelectuais das referidas pátrias. Era um empreendimento mais que literário pelo alcance social, argumentava o periódico carioca *O Jornal*, em 10 de outubro de 1930.

Em *Versos Alheios*¹, a autora convida o leitor brasileiro a conhecer a produção intelectual de latino-americanos e oferece informações e impressões acerca de obras, entre as quais, tomamos os fragmentos poéticos de três escritoras: *Escuta* da argentina Alfonsina Storni (1892-1938), *Sonetos da morte* da chilena Gabriela Mistral (1889-1957), e *Cansaço* da uruguaia Luisa Luisi (1883-1940).

Por parte da alagoana, não havia interesse particular em acentuar as vozes femininas dos países citados. A nossa intenção em proceder a tal seleção, é realçar o papel de mulheres professoras que também

¹ A capa do livro carrega uma simbologia de unidade dos três países, com as cores das respectivas bandeiras.

tiveram a literatura como ofício, numa época em que se considerava a docência o “mais alto posto” almejado pela figura feminina (LOURO, 2014; NICOLETE e ALMEIDA, 2017). Sandoval, Storni, Mistral e Luisi se arriscaram nos ofícios de mestra e literata em espaços públicos naturalizados masculinos. Ambas as atividades foram convertidas em livros literários e didáticos e textos divulgados em periódicos.

Quando publicou *Versos Alheios*, Rosália Sandoval já tinha o seu nome na imprensa nacional, entre os que compunham a intelectualidade brasileira, com as produções poéticas *Alvorada* (1904) e *Violetas* (1922). Em 1913 teve a poesia *Incógnito mal* divulgada pela coletânea *Sonetos brasileiros – séculos XVII-XX*, de Laudelino Freire. E na capital do país, para onde migrou na década de 1920, conseguiu publicar, além da obra em análise, outras do universo literário: *Quando as roseiras floriram* (1947), *Queda e ascensão* (1952), *Preces à Humanidade* (1954) e a edição póstuma de *Angelus* (1951), de seu irmão Sebastião de Abreu (MADEIRA, 2015).

Considerando a escolha da fonte literária para tratar da história da educação, alguns elementos devem ser colocados a partir das reflexões de W. Benjamin (2012), visto que isso implica não a tratar do mesmo modo que as demais. Embora nela residam representações de mundo forjadas na escrita, é um lugar de onde não se deve esperar a inteira captura do real, por ser propriamente dos elementos inventivos que se alimenta. Contextos históricos, políticos e culturais dizem pouco dos seus sujeitos e obras, porque neles não estão facilmente explícitas as marcas do tempo e do lugar do qual escrevem. Tal condição pode nos induzir a perceber a literatura como inútil para estudos historiográficos, mas as transfigurações das situações vividas pelos literatos não devem ser minimizadas. Como sugere Benjamin (2016), uma obra é importante por ter sempre a dizer no tempo presente. Os elementos existenciais sobre os quais se reportam seus autores, referem-se a eles próprios, mas, simultaneamente, aos outros, sendo o singular no universal.

É provável que a literatura tenha sido a grande aliada de quem se encontrava em condição de rebaixamento, conforme estava o feminino do período aqui abordado. Deste modo, a produção de professoras escritoras carregava o estigma de ser menor, argumento combatido tanto por Benjamin (2012) quanto por Ginzburg (2006; 2007), para os quais os testemunhos de uma época não devem ser submetidos a um processo de hierarquização na produção do conhecimento humano.

Partindo desses elementos, o texto se encontra dividido em três momentos. No primeiro discute-se magistério e literatura e a condição do feminino enquanto portador de protagonismo na primeira metade do século XX. No segundo, a poesia de Versos Alheios, particularmente os recortes já anunciados: *Cansaço* (Luisi), *Escuta* (Storni) e *Sonetos da Morte* (Mistral), a partir dos quais propomos indagar sobre o que nos informam acerca da condição dessas mulheres professoras e literatas. No último, realçamos a importância da educação literária na formação e na atuação das professoras, tornando-as intelectuais de ambos os ofícios e projetando as suas histórias para gerações futuras.

Magistério e literatura: o feminino e a intelligentsia pedagógica e literária

Um elemento comum sobressaía na trajetória de quem tinha a docência e a literatura como profissão, pelo menos na América Latina: o emprego público. O vínculo ajudou na sobrevivência de jornalistas, romancistas e poetas, que, empenhadas simultaneamente em ambos os ofícios, atraíam uma espécie de proteção: uma a favor da própria sobrevivência e outra contra o ultraje. Em razão de a literatura ser socialmente mais prestigiada que o exercício do

magistério, quando associados ajudavam o feminino a reagir contra os estigmas sociais, ao aventurar-se em campos historicamente demarcados como masculinos (NICOLETE e ALMEIDA, 2017). Na primeira, mais do que no segundo, as mulheres enfrentavam a *intelligentsia* patriarcal que as julgava como desprovidas de intelectualidade, e, com tal enfretamento, elas reformulavam seus projetos de vida e os de uma geração que se seguia.

Tal condição era enfrentada desde cedo nas instituições de ensino: o espaço social era claramente demarcado para ambos os sexos, conformando corpos e mentes à ordem social estabelecida (LOURO, 2014). Mas, de algum modo, os espaços escolares do Império brasileiro ofertavam elementos de formação literária para as meninas das escolas primárias e dos cursos normais. Não por acaso, no século XIX, as docentes atuantes naquele nível de ensino foram autoras de obras didáticas² e literárias, o que demonstra uma formação que lhes permitia ultrapassar a condição de repetidoras de modelos pedagógicos indicados pela administração da instrução pública.

Conteúdos mais práticos e metodológicos já eram exigidos nos manuais de orientação dos cursos normais, solicitando brevidade naqueles mais densos que, historicamente, se destinavam aos rapazes dos liceus provinciais. O alagoano Thomaz Espíndola (1885, p. 4) escreveu em seu compendio de Geografia: “Advirto, porém que os alumnos da Eschola Normal não devem ser obrigados a aprender da Geographia propriamente dita mais do que aquillo que contém no Atlas elementar para o uso das aulas primarias”. Com o mesmo propósito, no *Compendio de Pedagogia Pratica* (1886, p. 15), Joaquim José de Araújo orienta simplificar os conteúdos de história e geografia, que deveriam ser ministrados aos sábados, concomitante ao catecismo: “Em todas segundas e quartas-feiras se farão exercícios de analyse grammatical e lógica; e nos sabbados versarão os exercícios sobre lições de historia sagrada, cathecismo, noções de geographia e da historia do Brazil”.

² Alguns compêndios de professores primários alagoanos do século XIX: Antônio Francisco Leite Pindahyba, autor de três obras para a infância: *Arithmética Rudimentar* (1877), *Rudimentos da Grammatica Nacional* (1877) e uma cartilha de alfabetização *Iris da Escola* (1880); e Julia Henriqueta de Carvalho, *Compendio de Aritmaetia Elementar* (1888).

Entretanto, havia dificuldade de materializar tais orientações nas salas de aula, na medida em que a formação dos professores das escolas primárias, secundárias e profissionais, do século XIX, tinha as bases na instrução clássica.

A prioridade por um conteúdo que abstraísse os problemas enfrentados, o tornava “oco”, inútil para o progresso de um país. O século XX efetivou uma crítica à exploração a conhecimentos de retórica, filosofia e clássicos da literatura mundial, defendendo a predominância do ensino a partir das coisas e não dos conceitos, principal trunfo da pedagogia esboçada pela Escola Nova. Todavia, foi com base na formação clássico-literária que Rosália Sandoval tornou-se professora e escritora.

Mesmo com os comentários negativos, feitos as suas obras, gerados pelos ideais progressistas modernos, ela seguia conforme lembra o jornalista Mário Linhares³ (1915, p. 16), como se ouvisse a passagem célebre do *Inferno* do poeta medieval florentino, quando obedece a orientação do seu guia Virgílio: “Deles não cuide, olha e passa!”. Na ocasião, o jornalista fazia defesa à Sandoval diante daqueles que se abatiam sobre sua “[...] reputação devassando-lhe a vida literária sem uma causa plausível, semelhante a uma praga de gafanhotos sobre um pomar verdejante e florido” (Idem). É sobre esse poder da literatura, que orienta a reagir e a se proteger, para os quais aqueles versos medievais ainda trazem ensinamentos, que tratamos.

Converter a dor em palavras levou Sandoval a redigir a crônica: *Traças – a minha estante*, no periódico carioca *Vida doméstica* (1927). Ao invés de dar conselhos às donas de casa, como sugere o título, a escritora transformou a traça, em elemento literário:

Lembrei-me de que as traças humanas também fizeram o mesmo nas folhas azuis do livro da minha vida onde, talvez, a Felicidade gravasse trechos de verdadeira alegria. Como diante dos meus olhos se confundem, na mesma pequenez, as duas espécies de traças – a que inconsciente estragou os livros da minha estante e a que voluntariamente destruiu a minha ventura!

³ O cearense também incluiu Rosália Sandoval na publicação intitulada *Poetas esquecidos*, de 1921.

A mesquinhez sobre a qual se reportava, talvez estivesse vinculada àquele momento inicial do século XX, no Brasil, com escassos leitores, poucos periódicos e debates. Diferente da Argentina, do Chile e do Uruguai, nações que já possuíam um nível de escolarização superior, na medida em que depositavam maiores esperanças na formação intelectual do povo, e colocavam a imprensa periódica enquanto espaço de exploração a conteúdos filosóficos e científicos (ROCHA, 2013).

Na condição de professoras e escritoras, Sandoval, Storni, Mistral e Luisi, foram formadas por escolas normais em suas respectivas pátrias. A escrita literária ajudava a debater os problemas da profissão docente, quer em eventos, periódicos ou livros. Diversamente das mestras e escritoras do século XIX, como é o caso de Alcina Carolina Leite e Maria Lúcia Romariz, conterrâneas de Sandoval (MADEIRA, 2019), para as quais a docência parecia ser um ofício quase invisível em seus escritos, elas debatiam a qualidade do ensino, o papel da mulher mãe e mestra, a condição de trabalho do feminino, e a formação de professoras e crianças. As obras pedagógicas de Gabriela Mistral e LuisaLuisi são exemplos desse propósito. A chilena escreveu *Lecturas para mujeres*, destinadas a *la enseñanza del lenguaje* (1924), e textos em prosas que, após a sua morte, foram selecionados para compor a obra *Magisterio y niños* (1979). E a uruguaia publicou *Educación Artística* (1919), *Ideas sobre educación* (1922) e *A través de libros y autores* (1925). A argentina e a alagoan também produziram orientações pedagógicas. A primeira, segundo Rocha (2013), escreveu peças teatrais que, após sua morte, foram selecionadas para compor a obra *Teatro Infantil* (1950). E a segunda, de acordo com Madeira (2015), publicou *Através da infância* (1918) e *Curso Elementar de Português – em pequenos exercícios práticos* (1921).

A melancolia do singular no universal em *Versos Alheios*

Destinada a divulgar no Brasil a produção intelectual de poetas da Argentina, Chile e Uruguai, em 256 páginas da obra *Versos Alheios*, Rosália Sandoval revelou-se como tradutora e crítica literária. As 116 poesias traduzidas para nosso idioma e 50 mantidas em língua espanhola, totalizaram 166 produções, dentre as quais, 22 vozes são femininas. Parte dos 47 homens são autores prisioneiros ou de origem indígena, sujeitos socialmente marginalizados. Marginais não apenas na posição social, mas no que insistiam em publicar, considerando os novos horizontes da literatura moderna.

Nas páginas do meu livro moderno reuni, em singelo preito, as lyras de três paizes estrangeiros. Quizera que em vez de 3 fossem 30. Todavia, esse número que não me foi possível attingir, outros, mais felizes, o conseguirão. Para isso eu faço os mais sinceros votos (SANDOVAL, 1930, p. 10).

A obra foi pensada a partir de uma inspiração que, segundo a mestra alagoana, surgiu enquanto ela se encontrava às margens do Rio da Prata, apreciando versos recitados por quem chamou de “bardos” (SANDOVAL, 1930, p. 9). O propósito da coletânea, nesses termos, era dispor poesias de jovens que ainda se atreviam a escrever como estes, os velhos e quase esquecidos “trovadores” (Idem). Aqueles de um tempo perdido, que escreviam com paixão. Viviam poucos, mas intensos anos. Aprendiam na escola e replicavam em seus textos a poética de Alexandre, de Cesar e de Camões. Aprendiam a odiar Nero. Todos estes passaram a ser conteúdos envelhecidos ou insuficientes para os novos tempos, como adverte o alagoano Auryno Maciel (1930), que parecia atender às novas necessidades da escola: “[...] uma literatura pedagógica que baste ao espírito de nosso tempo” (p. 30). Os

poetas sonhadores e românticos, perdiam a função social. A natureza deixava de ser um culto para cantores e tornava-se objeto de observação e descrição da ciência, a converter-se em utilidade para o progresso da vida material.

Contrapondo as exigências da década de 1930, o poeta, para Sandoval, era aquele capaz de falar à alma dos leitores, com profundidade. Assim como expressara por meio da poesia de (SANDOVAL, 1930, p. 132):

“Cruzam-se ungidos nessa fé profana
Seus cantos, quanta vez! Ficam na história!
Se vibração produzem na alma humana,
Presentido os tambores da victoria...
Ajoelha majestosa à natureza,
Perante seus mysterios de harmonia,
Porque passa com eles a beleza.”

No jornal *Beira-Mar* (1930), a literata foi definida como “poetisa de reconhecido valor”, e o livro caracterizado como repleto de “flores de poesia (etymologica)”, que, segundo o jornalista Moacyr Silva, reacendiam a vida e a espiritualidade com influência do que ele chamará de “flora dos três países do sul”. Mas, a escritora de *Incógnito mal* não se concebia como tal. Os traços melancólicos eram o que melhor traduzia as suas produções literárias.

Em 1929, o jornalista uruguaio Juan Lima melhor se expressou quando a nomeou de “una cantora de melancolia”. Para este, Sandoval respondeu como se reportasse a uma estranha: “Ella fue, y es únicamente, el pájaro cautivo que modula sus trinos en la soledad de la jaula, para aliviar sus pesares. El canto del pájaro cautivo no puede ser alegre, no puede bolir el motivo de su cantar: el dolor” (SANDOVAL, 2006, p. 200). Ela se referia à imposição dos tempos modernos, cantados, com louvor, pelos novos poetas. Tal entusiasmo não cabia em suas líras. Cantar com sinceridade, naquele tempo, exigia rimas melancólicas, pois se tratava de um

período sombrio, ausente de esperanças, apenas restava alinhamento ou desistência. O declínio da utopia e da imaginação era vorazmente substituído pelo triunfo assombroso da modernidade. Não por acaso, a autora escolheu para a coletânea poesias marginais que falavam de dor, como ela própria fizera em seus escritos.

Los poetas modernos (?) no cantan, escriben con el lápiz, caricaturan palabras que amontonan como los castillos de cajas que hacen los niños y... que ellos llaman versos. La poesía era hermana de la música. Andaban de la mano por todas partes. Hoy están cruelmente separadas. ¿Puede la poesía moderna ser cantada con sentimiento? (SANDOVAL, 2006, p. 200).

A insistência em aproximar o poeta dos “trovadores”, era um sinal de resistência à evolução da arte: “El pájarocautivo está mudo y quebró alas en la tortura inquisitorial del modernismo” (SANDOVAL, 2006, p. 201). A urgência do tempo presente, de tanto se construir com a técnica (BENJAMIN, 2012), por exemplo, se convertia no novo fetiche na década de 1930, que deveria ser estendido a grande massa. Resistir a esse coro, quase universal, era um ato de coragem e de isolamento de muitas professoras e literatas.

Não é, quiça, temeridade nesse nosso tempo de transicção, falar desassombadamente sobre pátrias; mas o é, talvez, falar sobre versos, e, ainda mais, apresentar ao público um livro que se ocupa de poetas estrangeiros, embora sejam elles verdadeiros trovadores. Poetas de um novo trovar, é bem verdade, mas que nos fazem recordar aquelles emotivos dos **bellos tempos que ainda vão perto, em que a poesia não era a bailarina artificiosa a exhibir-se no deleite de um ineditismo bárbaro** (SANDOVAL, 1930, p. 9, grifo nosso).

Entre os poemas que integram Versos Alheios, dos 34 títulos femininos, foram escolhidos três: *Cansaço* de LuisaLuisi (1883-1940), *Escuta* de Alfonsina Storni (1892-1938) e *Sonetos da Morte*

de Gabriela Mistral (1889-1957). O último é possível que a autora dedicasse a um companheiro que perdera muito antes de o ver ocupar o sepulcro para o qual destinava atenção eterna. Em poucas palavras Mistral afirmara:

Destinos a escolher eu tive. E, todavia,/Elegi um tristonho –
officio de ternura –/Temerário, talvez, sem luz, sem alegria,/De
fazer-me cypreste em tua sepultura./Uma linda canção toda feita
harmonia/Os homens vão cantando alegres pela rua./**Canção
que hoje é lascívia e que será loucura/Amanhã... e, depois,
misticismo.** E eu, um dia,/Compuz a que acalenta **alguem
que foi alheio** (SANDOVAL, 1930, p. 241, grifo nosso).

Ela escreveu sobre suas revoltas e, por algum motivo, Rosália Sandoval a colocou na última página da obra em análise. Suas palavras expressam o que muitas mulheres viveram, mas que, nem sempre, disseram. Talvez porque fosse muito alto o preço pago por decidir carregar, exaustivamente, o que Luisa Luise define como “*alma obre el hombre*” (apud SANDOVAL, 1930, p. 99).

Em publicações de livros ou textos em prosa, essas escritoras tinham na literatura uma grande aliada. Afinavam a crítica, e conseguiam pressentir o que ainda não estava posto (ROCHA, 2009; VÁSQUEZ, 2014). Na obra *Ideas sobre educación*, Luisa Luise apontou alternativas para que as mulheres se tornassem independentes financeiramente:

La educación les ha enseñado a esperar el matrimonio como la fuente segura y única de subsistencia material, y pasan la vida en la inactividad de la espera con los brazos cuidados mientras la marea desbordante de la actividad humana y la indiferencia culpable de los que las han engañado pasa sobre ellas y las sumerge en el desengaño atroz de la miseria o la degradación (LUISE, 1922, p. 96).

Para a escritora uruguaia, o casamento deveria ser escolha e não destino. Com um ofício a mulher bastava-se a si mesma. Os

sinais de rebeldia se espalhavam em seus textos e, certamente, não eram bem recebidos pela parcela conservadora da população uruguaia. A poesia *Cansaço* serve como desabafo: “As horas me têm sido uma aridez sem par!/Arrastando-me vou na pedregosa estrada” (SANDOVAL, 1930, p. 98). Com o fardo da escolha, Luisi (1922) confessa: “Só uma cousa aspiro: é depressa chegar/Levo cheio o farnel de pedras e de escombros/E uma anciã a devorar-me – ir além descansar” (Idem). A mesma angústia se encontra na poesia *Escuta* da argentina Alfossina Storni:

Eu serei, ao teu lado, a nudez, o silencio;/o perfume eu serei...
Não saberei pensar.../Palavras não terei e não terei desejos.../
Somente eu saberei.../Te amar!/E, quando a agua descer do
monte silenciosa,/Teu peito eu buscarei para ahi descansar/**Esse
peso anormal que eu trago dentro d'alma/e não sei explicar!**
(SANDOVAL, 1930, p. 88, grifo nosso).

Esta poética desvela o propósito da sociedade patriarcal de confinar o feminino aos caprichos da figura masculina: *eu serei, eu não saberei, eu não terei desejos*, serei obediente ao que foi naturalizado: ser esposa e mãe. O masculino deveria ser *abrigo e lugar de refúgio* para a suposta fragilidade feminina (LOURO, 2014). Mas a grandeza dos versos finais da professora argentina, revela como a poesia é capaz de transfigurar o mundo vivido: só restava à mulher comportar-se conforme o modelo esperado. Mas isso provocava um *inexplicável peso na alma*. A crítica à sociedade patriarcal é quase imperceptível, não tem acusações nem explicações, mas há a denúncia contundente de uma vida vazia e aprisionada.

Storni repete o propósito em “Tú me quieres blanca”, tu me quieres uma mulher branca, pura e casta (ROCHA, 2013, p. 57). Com esta, ela profere, propositadamente, os desejos do masculino, como se exigisse uma reparação. Para tanto, não necessita de um longo texto, e com a economia de palavras, mais sentidas do que ditas, ela se esquiva, assim como todas as outras, da captura dos mo-

delos sociais preestabelecidos. Seus fundamentos de vida eram resumidos em uma rima. As sentenças curtas resolviam o que geralmente se faz na poesia com um arrazoado de ideias. Esse modo de expressão resguarda o fundamental. Elas não buscavam no masculino proteção, tampouco consentimento, porque eram portadoras de outro tempo, figuras utópicas que se arriscavam ao improvável.

Educação literária e formação de professores

A composição de sentidos que a obra literária carrega, deve estar associada aos elementos existenciais, por isso, é um saber que se propõe mais duradouro. Tal universo formou essas mulheres professoras, convertendo o ofício em momentos de pleno êxtase, exemplificados em prosa de Gabriela Mistral: “Al regresar de mi escuelayo me ponía a viviracompañada por laimaginación de los poetas, de los contadores, fosensabios o vanos, provechosos o inútiles” (1979, p. 45). Ela elaborava um trânsito valioso entre o mundo da escola e o da literatura. O hábito da leitura, desde a infância, formou um modo refinado de conceber o mundo, convertendo as dores em versos, utopias e resistência. Como aliada de suas ousadias, a formação literária as projetou para além de seus contextos.

Com o cargo de diretora de liceu chileno, ocupado em 1918, Mistral recebeu visibilidade internacional e foi convidada, em 1922, pelo governo mexicano, para colaborar com as reformas educacionais da nação (VÁSQUEZ, 2014). Em decorrência, viajou por diferentes países e, em 1945, enquanto morava no Brasil, recebeu o Prêmio Nobel de literatura, primeiro conquistado por uma pessoa latino-americana (Idem).

Não obstante, as publicações de Luisa Luisi a levaram a participar de eventos nacionais e internacionais. *Educación Artística* resultou da apresentação de trabalho no *Congresso Americano del Niños*, em Montevideu, entre 18 e 25 de maio de 1919. A discussão da obra é um testemunho de como suas ideias se articulavam à crítica ao avanço voraz da modernidade, e aos efeitos nocivos na formação humana.

Para a autora, se vivia numa época propícia aos cientistas, engenheiros e construtores, mas não aos artistas, porque a poesia não se alinhava à utilidade da vida material (LUISE, 1919). A arte provia o humano de sonhos e utopias, e estes estavam em baixa ao tempo em que todo o poeta, alinhado a ideais modernistas, deveria prestar contas, a todo momento, do valor social da sua obra (BENJAMIN, 2016).

Com o desejo moderno de fazer e obter coisas, o humano acomodava-se a um mundo palpável, de um tempo bárbaro, para o qual restava a afirmação de que “El arte ha muerta!” (LUISE, 1919, p. 5). Alinhada a isso, estava a educação na América do Sul, que, segundo reflexões de mesma autoria, padecia da absorção de suas energias com a urgência de seus problemas: a organização política, a indústria e o comércio (Idem). E, com isso, era pensada apenas para atender ao capitalismo e não à libertação do pensamento.

A formação literária permitiu a essas mulheres se colocarem num movimento do singular ao universal, diferenciando-as do amplo universo do magistério feminino, ainda assemelhado a formas primitivas de pensar a mulher (NICOLETE e ALMEIDA, 2017; LOURO, 2014). A autonomia intelectual cultivada era devedora da função pedagógica e social da literatura lírica, e esta ajudava na proteção contra forças históricas que rebaixavam e ultrajavam os que estavam em contextos vulneráveis de vida. Ensinando a reagir contra opressões e a cultivar utopias, por favorecer o distanciamento humano do tempo presente, levou professoras a

deixar um patrimônio valioso pela força do gesto, da escrita e do deslocamento a outros contextos.

Considerações finais

A obra *Versos Alheios* da professora e literata alagoana Rosália Sandoval, nos permitiu elaborar um itinerário reflexivo de mulheres que aprenderam a reagir por meio da escrita, tornando possível o conhecimento da formação feminina e o seu lastro de possibilidades.

O modo como tratavam a docência, imprimia o vigor do pensamento poético, seja na maneira como se colocavam nos manuais pedagógicos ou nas contraposições aos potenciais históricos que alertavam sobre os reflexos do patriarcado na construção da subjetividade feminina. Todas manifestavam uma crítica contundente à espécie humana de seus tempos, que se prolongou ao nosso.

A obra estudada não se encontra entre as mais prestigiadas de Sandoval, mas revela a inserção intelectual da autora na poesia latino-americana, seu ofício de tradutora e o alinhamento à crítica elaborada contra os efeitos nocivos da modernização na formação. A reação dessas mulheres ao estabelecido, está na poesia, nas crônicas, nas prosas, nos trabalhos acadêmicos, nos compêndios, no ofício de professora e nos seus respectivos deslocamentos, ao forjarem outro modo de ver, ser e agir no mundo. Na literatura encontraram uma aliada para manter as utopias que fomentaram a autonomia intelectual necessária para o universo docente e existencial.

Referências

ARAÚJO, J. J. *Compêndio de Pedagogia Prática*. Salvador: Typografia dos Dois Mundos, 1886.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura* (Obras escolhidas I). São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 179-212.

_____. Franz Kafka – no décimo aniversário de sua morte. In: *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura* (Obras escolhidas I). São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 147-178.

DIÁRIO de Notícias (RJ), de 17 de outubro de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_01&pasta=ano%20193&pesq=Ros%C3%A1lia%20sandoval>. Acesso em: 29 de março, 2019.

ESPINDOLA, T. B. *Elementos de Geografia e Cosmografia oferecidos a sociedade alagoana*. Maceió: Typ. Gazeta de Notícias, 1885.

FREIRE, L. *Sonetos brasileiros – séculos XVII-XX*. Rio de Janeiro: F. BRIGUIET & C[^], 1913.

GINZBURG, C. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LINHARES, M. Rosália Sandoval. *Heliópolis – revista de artes e letras*, 1915, p. 15-16.

LOURO, G. L. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LUISE, L. *A través de libros y autores*. Buenos Aires: Nuestra América, 1925.

_____. *Educación Artística*. Trabajo presentado al Congreso Americano del Niño, Montevideo, 18-25, mayo de 1919.

_____. *Ideias Sobre Educación*. Montevideo: Maximino Garcia, 1922.

MACIEL, A. História de Alagoas. *Revista de Ensino*. Maceió, 1930, p. 30-32.

MADEIRA, M. G. L. La escritura literária de la educadora brasileña Rosalia Sandoval (1900-1940). In: *Actas del XVIII Colóquio de História de la Educación: Arte, literatura y educación*, 2015, v. 2., p. 333-344.

_____. Magistério e literatura em periódicos alagoanos da década de 1880: as composições poéticas de Alcina Leite e Maria Lucia Romariz. In: SILVA, E.; SANTOS, I.; ALBUQUERQUE, S. (Orgs.). *A história da educação em manuscritos, periódicos e compêndios do XIX e XX*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019. p. 63-78.

MISTRAL, G. El Ofício Literar. In: STRABONI, R. E. S. (org.). *Gabriela Mistral: Magisterio y Niños*. Santiago: Editorial Andes Bello, 1979, p. 43- 51.

_____. G. *Lecturas para Mujeres: destinadas a la Enseñanza del lenguaje*. México, 1924.

NICOLETE, J. N.; ALMEIDA, J. S. Professoras e rainhas do lar: o protagonismo feminino na imprensa periódica (1902-1940). In: *Educar em Revista*, Curitiba, Edição Especial, n. 2, p. 203-220, set. 2017.

O JORNAL (RJ), de 10 de outubro de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_03&pasta=ano%20193&pesq=Ros%C3%A1lia%20sandoval>. Acesso em: 29 de março, 2019.

ROCHA, N. A. *A Constituição da Subjetividade Feminina em Alfonsina Storni: Uma Voz Gritante na América*. São Paulo: UNESP, 2013.

SANDOVAL, R. Rosalía Sandoval/González Barbé: Contra el Modernismo. Revista duraznense, Durazno, n. 97, 13 de julio, 1929. In: ROCCA, P.; ANDRADE, G. (org.). *Un diálogo americano: Modernismo Brasileño y Vanguardia Uruguaya (1924-1932)*. Cuadernos de Americasin, nombre, n.15, 2006, p.199-201.

_____. Traças - à minha estante. In: *Vida Doméstica* - revista do lar e da mulher. Rio de Janeiro. Out., 1927.

_____. *Versos Alheios*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas da Editora Alba, 1930.

SILVA, M. Intercâmbio Intellectual Latino-Americano. In: *Beira-Mar: Copacabana, Ipanema*, Leme (RJ).00242 (1). ed., 1930.

STORNI, A. *Teatro infantil*. Buenos Aires: Ramón Roggero y Cía, 1950.

VÁSQUEZ, C. G. S. *Gabriela Mistral: das danças de roda de uma professora consulesa no Brasil*. São Paulo: UNICAMP, 2014.

Data de submissão: 18/08/2020

Data de aprovação: 22/10/2020